

As únicas sequências restantes, são as com Tamar Moema, que, por toda esta semana, deverá ter concluído o seu trabalho. Assim, é esperar-se, sem dúvida, que, antes de meados de Agosto, já esteja elle em exhibição pelos nossos Cinemas.

Cinema de Amadore

(F I M)

amadores, tudo é simplificado, tudo é construído de modo a dar o mínimo trabalho possível ao possuidor, mas, mesmo assim, varios amadores se encontram ás vezes em largas difficuldades. A causa disto reside, e todos os verdadeiros amadores conhecem-na de sobra, no facto de não se ter lido o livro de instruções que acompanha cada typo de projector. Si o livro não veio acompanhando a caixa, quando a compra foi effectuada, o amator precisa e deve exigil-o. E isso porque estamos certos de que, seguindo-se as instruções cuidadosamente, todas as pequeninas difficuldades da projecção se desvanecerão totalmente.

R U T H . . .

(F I M)

der durante as suas longas horas exhaustivas de ensaio. Essa etapa ella a venceu numa tournée, durante o verão e a primavera, da companhia musical a que se incorporára. Passado um anno, resolveu abandonar o genero musica a arranjou logar em uma companhia dramatica para fazer pequenos papeis. Ali, com Lowell Sherman, Pauline Lord e Lenore Ulric, aprendeu a technica do drama-inestimavel conhecimento para uma joven desprotegida de 15 annos. Mesmo, porem, no abarrotado mundo theatral da Broadway, ha melos de se distinguirem rapidamente as competencias, e a ascensão de Ruth foi qualquer coisa de meteorica. Aos 18 annos ella era estrella. Os triumphos succederam-se. Agindo com intelligencia, Ruth não se mostrava demasiado á Broadway. As suas férias ella as passava frequentemente na Europa, reservando grande parte do tempo á França, cuja lingua estudou seriamente. Esses conhecimentos levaram-na a traduzir "La Tendresse", que ella propria montou e representou.

Após uma serie de successos em New York, a estrella tomou o rumo de Los Angeles, para se exhibir em "The Green Hat" e "The Devil's Plum Tree". Nesse meio tempo ella se casou com Ralph Forbest, o sympathico e joven artista inglez, que fazia film em Hollywood.

Durante o periodo em que elles dois, marido e mulher, interpretavam os protagonistas e "The Green Hat", compraram uma casa em Beverly Hills, que Ruth, aliás, mal desfrutava, em consequencia das suas continuas viagens para representar no theatro em New York. A sua recente incorporação á Paramount, porém, tornou-lhe possivel essa satisfação.

Emil Jannings era um dos espectadores interessados em uma das ultimas representações do "The Devil's Plum Tree", em Los Angeles. A impressão que lhe deixou a protagonista foi de tal ordem que elle pediu á Paramount a contrasse para o papel principal do film "Sins of Fathers". Depois da sua entrada para o Cinema, John Colton recusou consentimento para a representação da sua peça "The Devil's Plum Tree" em New York, sem Miss Chatterton no papel de protagonista.

O successo d'essa actriz mostra justamente quão bem ella se adaptou á tela. A sua encantadora voz já se fez ouvir em muitos films.

Declara ella que o film que mais difficil lhe pareceu foi o "Peccado dos paes", porque era silencioso. O seu grande interesse é pelo film falado.

"Não se vistam como nós"

(F I M)

real ao espectador. E, depois, do que realmente a moda aconselha. E, por isso que, muitas e muitas vezes, sabendo que pequenos existem que, sem pensar, seguem as modas dos film, que penso, maduramente, no quanto erram.

—oOo—

Depois de Kay Francis, procuramos Olive Borden. Sempre teve, entre as artistas, a fama de se vestir bem. E, quem a tem acompanhado, pelos films, com carinho, tem visto, realmente, que ella é uma das que melhor se vestem, mesmo.

— Prefiro, sem duvida, para meus vestidos, os de typo sportivo.

E, explicando melhor, proseguiu ella na sua conversa sobre modas.

— Na vida real, creia, eu não teria coragem de trajar, calmamente, os casacos de lamé e os outros costumes que me dão. Isto é logico! E' por isso que, quando recebo, como sempre recebo, cartas de pequenas, de diversos pontos do Paiz. Dizendo-me, alegres, que mandaram fazer vestidos de accordo com as modas que me viram trajando, em films, é por isso que me aborreço. Naturalmente, se ella usou de perspicacia e modificou o meu modelo, do film, ainda bem. Mas se, coitadinha, seguiu-a exactamente como a viu... O que será della, quando alguém reparar o seu vestido e comprehender que está totalmente errado? Nunca se deve acompanhar assim uma moda de Cinema. Nunca! Porque, muitas já disseram, mas eu digo, tambem. No Cinema, é uma cousa. Na vida, é outra.

—oOo—

Faltava-nos a opinião de Constance Bennett. Reconhecidamente, uma das pequenas do Cinema que melhor se vestem.

Procuramol-a e ouvimol-a.

— Vestir com successo, para o Cinema, é olhar, antes de mais nada, o effecto photographico do vestido. As lentes de uma camera, têm, sem duvida, muito mais largueza de vistas do que os olhos humanos. Apanha, nas menores minucias, linhas e curvas. E, tambem, deixa outras sem registrar. Os desenhistas dos Studios, quando traçam seus modelos, sabem perfeitamente disto e, assim, levam em conta justamente estes pontos. Assim, todos os vestidos, do Cinema, são feitos para os olhos das lentes, antes de o serem para os olhos do publico. Assim, toda a artista tem dois guarda-roupas. O de Cinema, com figurinos desenhados de accordo com as vontades da caprichosa objectiva. E, outro, particular. Em sua casa. Para seus passeios e para suas reuniões.

— A artista que se dirige, pois ao encontro da lente, tem maneiras estudadas. Aprende, com o director, o seu menor gesto. Tudo é medido e calculado, para devidos e determinados effectos. Assim, se usa um casaco, por exemplo, tem-no photographado dos seus melhores angulos. As linhas desfavoraveis, que todos os costumes têm, nunca são photographadas. Só se apanham, mesmo, as linhas favoraveis. A illuminação, além disso, age directamente sobre este ponto, tambem. Illuminando o angulo favoravel e deixando no escuro o que não serve.

— Longe das luzes. Fora dos olhos da objectiva. O tal casaco já conta uma historia bem differente... As linhas são quasi que imperfeitas, mesmo. E, assim, tem-se que ter, é logico, duas regras para trajes. A regra do Cinema é uma. A vida real, outra, totalmente diversa.

Era o que queriamos saber. E, palavra, depois de tantas opiniões iguaes, já temiamos que o nosso effecto tambem fosse outro... na vida real!

"O verdadeiro Paulo Morano"

(F I M)

Esta sua resposta, em tom sincero. Não veio afogueada. Nem cheia de um jubilo fanatico. Foi dada simplesmente. Reconstituindo, naturalmente, as mulheres todas que já se cruzaram na sua vida... Relembrando, sem duvida, os momentos de felicidade e os instantes de amargor... Assim, que mais nos restava, no momento, sinão perguntar-lhe pelo que pensava da vida?

— A vida?... E' o reflexo de nós mesmos. Boa, quando a acariciamos. Boa, quando a tratamos com mimos e afagos. E má. Pessimista. Quando a maltratamos e espancamos, com nossas más acções... Porque?... Ora... A vida não é feminina até na palavra que a significa?...

— Voce ás vezes parece desiludido... Já teve algum caso de amor, na sua vida?

— Tive. Mas antes delle, tive diversos outros. Com morenas e loiras. Com palidas e rosadas. Com figuras tenues e sentimentaes. Com uma serie dessas bonequinhas de futilidade e modernismos que por ali andam... Mas todas, na minha vida, foram apenas um afago que se esquece. Uma ternura que se acaba... Uma dellas, eu amei. Amei, como já li que se ama uma só vez na vida... Na scena da minha existencia, teve ella o principal papel. Como nos films, houve o mal entendidos. Apesar disso, creia, continua sendo a principal figura... E' verdade que a scena está deserta. E que nada mais a illumina. Mas o echo luminoso da sua recordação sempre ali permanecerá...

Houve uma pausa. Bem grande. Bem pensada. Havia uma pergunta oportuna.

— Voce se casaria? O que pensa do casamento?

— Acho-o esplendido. Um acto serio e nobre. Gosto muito de assistir os casamentos dos outros...

— Então acha que um artista não se deve casar?

— Sabe, perfeitamente, que não sou artista. Apenas um amator que tenta uma grande arte. Mas acho, sinceramente, que se me profissionalizasse, não me deveria casar. Porque, aqui, o casamento seria apenas um martyrio e não uma grande felicidade. Um artista não se deve casar!

Depois de alguns segundos de pausa, continuamos conversando.

— Qual é o typo de mulher que lhe agrada?

— Francamente... E' difficil. Aquella que temos sob os olhos e um pouco dentro do coração, é, sempre, o typo que se prefere. Mas... Não haverá, logo mais, outra que mude esse conceito? O typo que prefiro, é um só. Mas que vale dizer? Na verdade ainda não sei qual o typo que não aprecio...

Houve uma interrupção. Paulo Morano foi attender á um chamado e, segundos depois, voltamos á novas perguntas.

— O que acha voce do luar? Como deve saber, são tantos os que por elle se apaixonam...

— Eu já o quix bem. Em dias melhores. Quando aquella que eu amei estava junto a mim. Agora... E'me indifferente. De resto, tambem não gosto delle, porque geralmente atráhe gatos e elles, miando, não nos deixam dormir...

— E os dias chuvosos, com spleen...

— Não. Positivamente, esses nada me commovem. Para dias de chuva, ha um remedio: capa de borracha... E, para spleen, outro: uma boa anecdota... Mas já amei a chuva, confesso. Quando costumava soltar barquinhas de papel pela enxurrada...

— Vocé emprega romantismo nos suas declarações de amor?

(Termina no proximo numero)